

ALYA



*Confederação Nacional dos
Caçadores Portugueses*

Os tordos de inverno: entre o céu, o olival e a tradição

- ⊕ FEDERCAÇA em destaque
- ⊕ Caça gera 180 mil milhões de euros anuais na Europa
- ⊕ Feira da Perdiz em Martim Longo e Feira da Caça de Mértola





Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses

Presidente: Vítor Palmilha

Praceta das Bernardas, 4 8800 – 685 – Tavira 7

E-mail: info@cncp.pt | Tel. 281 326 469 | 912 250 057

FEDERAÇÕES FILIADAS



Federação de Caçadores de Entre Douro e Minho

Presidente: Amâncio Afonso Mendes

Praça da Justiça, 166 4715-125 Braga

comercial@amanciomendes.mail.pt | 253 2690 00



Federação das Associações de Caçadores da 1ª Região Cinegética

Presidente: João Alves

Apartado 144 5340-342 Macedo de Cavaleiros

facirc@gmail.com | 278 426 368



Federação dos Clubes de Caça e Pesca do Distrito de Viseu

Presidente: Mário Antunes

R. Fernando Teixeira, Lote 1 – r/c – Esq.º - Abraveses 3515-156 Viseu

federacao.viseu@gmail.com | 232 452 021



Federação de Caça e Pesca da Beira Interior

Presidente: André Cid

Urbanização Quinta da Alampada, Lote 26 R/C Apartado 452 6200 - 250 Covilhã

fcpci@mail.telepac.pt | 275 315 402



Federação de Caça e Pesca da Beira Litoral

Presidente: Carlos Rodrigues

Rua da Sofia, 136 Edifício da Liga dos Combatentes 3000-389 Coimbra

fcpci@beiralitoral@gmail.com | 916 298 503



FEDERCAÇA - Federação de Caçadores do Centro

Presidente: Miguel Mendes

Rua Principal, n.º 14 - Ranha de Baixo 3100-362 Pombal

federcaça@sapo.pt | 236 946 216



Federação das Zonas de Caça do Oeste - OESTECAÇA

Presidente: Joaquim António Faustino

Urb. da Infesta, Rua das Acácias, Ed. OESTECAÇA 2560-375 Torres Vedras

fzcoeste@gmail.com | 918918369



Federação Alentejana de Caçadores

Presidente: Nuno Ferro

Rua D. Afonso Henriques, n.º 31 7800 – 049 Beja

info@fac.pt | 284323304



Federação de Caçadores do Algarve

Presidente: Vítor Palmilha

Praceta das Bernardas, n.º 4 8800 – 685 Tavira

geral@fcalgarve.pt | 281 326 469 / 912 250 057



- 04 EDITORIAL**
- 06 ENTREVISTA**
- 12 DESTAQUE**
- 14 PASSOS POSITIVOS**
- 16 CINEGÉTICA**
- 18 FEITOS NOTÁVEIS**
- 20 DIAS BONS**
- 38 ORNITOLOGIA**
- 41 CAÇA NO PRATO**
- 42 ROTEIRO**

A revista ALVA é propriedade da CNCP - Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses.

EQUIPA ALVA

Direção-geral: Vítor Palmilha | Produção: Malha - Comunicação | Direção de conteúdos: Paulo Dias | Edição e redação: Lélia Madeira | Colaboração: Jorge Rodrigues, Carla Rodrigues | Design e paginação: Bárbara Martins | Direção comercial: João Silva

CONTACTOS

info@cncp.pt | alvarevista@malha.pt | 968 339 215 | 966 945 504 | 961 891 140 | 281 326 469 | 912 250 057



VÍTOR PALMILHA

Presidente da Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses

A última edição deste ano da revista ALVA traz, naturalmente, o aroma da época que atravessamos: um período em que nos reunimos com aqueles de quem gostamos para celebrar a quadra.

Nesta edição, apresentamos muitos dos eventos que se têm realizado pelo país, onde o setor da caça se posiciona como eixo de um conjunto de outros setores, funcionando como catalisador ao serviço do desenvolvimento do território.

Estes meses são animados, de norte a sul do país, por vários certames, nos quais a Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses colabora ativamente através das federações que a integram. .

A esse propósito, continuamos a dar a conhecer as nossas federações. Nesta edição, falamos com Miguel Mendes, da FEDERCAÇA.

Divulgamos, ainda, um importante estudo da Universidade de Urbino, que revela a dimensão económica da caça no contexto europeu. Sabemos que não existem estudos nacionais que sustentem a importância do setor, pelo que este estudo constitui um contributo relevante para afirmar a relevância da caça na Europa e, naturalmente, em Portugal.

Vale a pena aproveitar algumas das horas que os próximos dias nos proporcionam para ler as páginas da nossa revista, que pretende ser, cada vez mais, um ponto de encontro

entre as nossas federações, as suas atividades, ambições e tudo o que, de alguma forma, se relaciona com o mundo da caça.

Aproveito esta oportunidade para deixar a todos votos sinceros de um Feliz e Santo Natal e de um 2026 repleto de desafios cumpridos, na certeza de que o setor da caça continue a ganhar relevância no contexto nacional e que o prazer da caça seja desfrutado em toda a sua beleza e liberdade.

Boas Festas.

Vítor Palmilha

Presidente da Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses



"Os 'atores' do mundo rural que mais tempo passam na natureza são indiscutivelmente os caçadores que têm um papel fundamental na ocupação e valorização do território."

Miguel Mendes



Miguel Mendes

Presidente da FEDERCAÇA - Federação de Caçadores do Centro

Conte-nos um pouco da história e dos objetivos inerentes à criação da FEDERCAÇA.

A FEDERCAÇA – Federação de Caçadores do Centro foi criada em 21 de outubro de 2002. Foi reconhecida como Organização do Setor da Caça, de 3.º Nível, através do Despacho n.º 102/2009 de 23 de outubro, da então Autoridade Florestal Nacional. É filiada na CNCP - Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses, sendo ainda membro efetivo do Conselho Estratégico do PNSAC – Parque Nacional das Serras de Aire e Candeeiros.

Tem por objeto:

a) A defesa e representação dos interesses de associações, clubes, sociedades ou outras pessoas coletivas ou individuais ligadas à prática cinegética e pesca, titulares de zonas de caça ou gestoras de zonas de caça ou pesca, ou que manifestem interesse em vir a obter esse tipo de concessão.

b) O desenvolvimento e promoção de atividades de investigação no domínio da prática cinegética e de proteção e defesa ambiental.

c) A preparação, promoção e formação pedagógica nos domínios relacionados com a prática venatória, uso e porte de armas, carta de caçador, pescador e a gestão de atividades relacionadas com a caça e a natureza.

d) A proteção do ambiente, fomento das espécies cinegéticas e contribuição para um aproveitamento racional das mesmas, bem como o fomento das espécies consideradas em vias de extinção.

e) A defesa e fomento da prática cinegética, nas suas diversas modalidades desportivas, bem como das normas que as regulamentam.

f) A organização e preparação de atividades recreativas, culturais ou sociais orientadas para a caça, pesca, tiro desportivo e tiro profissional;

g) A organização, gestão, execução e monitorização do policiamento de Zonas de Caça

h) A gestão de zonas de caça ou pesca.

Atualmente com 55 sócios, a FEDERCAÇA tem a sua sede na localidade de Ranha de Baixo, freguesia e concelho de Pombal.

Podem acompanhar-nos através do nosso site federcaça.net e na nossa página na rede social Facebook.

Quais são atualmente as principais prioridades da Federação para os caçadores da região Centro?

A principal prioridade da FEDERCAÇA será sempre e em primeira linha o apoio e a defesa dos interesses dos nossos associados, nas vertentes da gestão e da atividade cinegética designadamente com apoio técnico e jurídico.



A atividade cinegética tem enfrentado vários desafios, desde alterações legislativas até questões ambientais. Quais considera ser hoje as maiores ameaças à caça em Portugal?

A atividade cinegética enfrenta hoje ameaças muito sérias que, no curto prazo, irão colocar em causa a sua própria existência, tais como: a desertificação do mundo rural, o abandono da agricultura e da pastorícia e os incêndios de verão que se traduzem no imediato, na redução drástica dos efetivos da caça menor.

As doenças epidemiológicas que afetam diretamente o coelho e a lebre, conduzindo praticamente à extinção destas espécies em estado selvagem.

A caça descontrolada praticada às espécies migratórias nomeadamente aos tordos e aos pombos. A própria legislação designadamente a Lei da Caça e a Lei das Armas, bem como os respetivos custos associados, têm levado ao abandono da prática cinegética e desincentivam a captação de novos caçadores.

Como avalia a relação entre caçadores e as entidades de conservação da natureza? Há espaço para uma maior colaboração?

A relação com as entidades oficiais que superintendem as áreas do ambiente e da conservação da natureza, embora não sendo as ideais, são as possíveis e da nossa parte haverá sempre espaço para as melhorar e aprofundar, porque os nossos interesses são comuns ainda que muitos pensem o contrário.

Já quanto às organizações não governamentais do ambiente e da proteção animal, as relações não são boas nem más, pura e simplesmente não existem.

A caça é muitas vezes alvo de críticas na opinião pública. Que mensagem gostaria de transmitir a quem tem uma visão negativa da atividade?

O surgimento das redes sociais e a sua utilização pelos grupos anti caça em nada tem contribuído para uma imagem séria da nobreza da prática cinegética.

E aqui cabe também aos caçadores demonstrar o

contrário, moldando e adequando também alguns comportamentos menos próprios.

Não podemos olvidar o papel fundamental que a atividade cinegética tem no ordenamento, na ocupação de territórios desertificados, no controlo das espécies apresentam um crescimento exponencial ou na proteção de espécies em risco de sobrevivência.

Por outro lado, não podemos deixar de mencionar também a componente financeira, pois o contributo do setor da caça para a economia nacional é efetivo e as receitas geradas vão desde as taxas de licenciamento até à restauração e hotelaria, passando pelos combustíveis, infraestruturas, e pelo comércio e indústria de equipamentos, armas e munições e alimentação animal.

Em termos de sustentabilidade, que medidas estão a ser promovidas pela FEDERCAÇA para garantir uma caça mais responsável e equilibrada?

É intenção da FEDERCAÇA, no curto prazo, levar a efeito, promover e divulgar junto dos nossos associados e dos caçadores em geral, ações de formação, colóquios e workshops vocacionadas para a sustentabilidade da biodiversidade e da natureza, ligadas diretamente à atividade cinegética, dotando assim os caçadores de ferramentas que lhes permitam praticar a atividade cinegética de uma forma mais responsável e equilibrada, pois esse é o caminho que nos poderá garantir o futuro.

A desertificação rural é um problema crescente. Que papel pode ter a caça na valorização e dinamização do mundo rural?

A desertificação do interior é uma realidade inequívoca e tem como causa principal a deslocação das populações para o litoral, grandes centros urbanos e a emigração dos mais jovens com o consequente abandono da terra.

Por sua vez, a atividade cinegética vai evoluindo em sentido contrário na medida em que são os caçadores quem ainda vão dinamizando as economias locais designadamente na criação de postos de trabalho nas áreas da exploração cinegética, hotelaria e restauração. Os "atores" do mundo rural que mais tempo passam na natureza são indiscutivelmente os caçadores que têm um papel fundamental na ocupação e valorização do território.

Como vê o envolvimento das novas gerações na atividade cinegética? Há falta de renovação entre os caçadores?

A prática cinegética assenta em três pilares fundamentais: espécies cinegéticas, sustentabilidade e caçadores (não necessariamente por esta ordem) e só funciona de forma perfeita se estiverem todos em sintonia.

A necessidade de renovação das gerações de caçadores é essencial com vista a garantir o futuro da atividade, trazendo para o setor novas ideias e novas energias.

É com muito agrado que começamos a registar o

aparecimento de cada vez mais jovens a desempenhar funções e cargos de responsabilidade nas associações e federações do setor, pois serão estes os grandes obreiros do futuro da atividade. Cabe a estes jovens contribuir de forma direta para o melhoramento da "imagem" do caçador e para a desmistificação da forma como as populações urbanas ainda veem os caçadores.

A FEDERCAÇA tem desenvolvido projetos ou parcerias com outras entidades (públicas ou privadas)? Pode destacar alguns exemplos?

A FEDERCAÇA tem em fase de estudo diversas opções de parcerias e protocolos com autarquias e entidades privadas ligadas ao setor, com vista à valorização da atividade e dos praticantes da cinegética.

Neste momento, a FEDERCAÇA integra a Comissão Organizadora da Feira da Caça – Terras de Sícó, que teve a sua 1.ª edição em abril deste ano na localidade de Degracias, concelho de Soure, estando já prevista a realização da 2.ª edição em 25 e 26 de abril de 2026 no mesmo local.

Em termos de legislação, que alterações ou melhorias considera mais urgentes para apoiar o setor?

São urgentes algumas alterações legislativas na área da caça e das armas, nomeadamente no calendário venatório, no sentido de o adequar às alterações climáticas que têm alterado os períodos e as rotas migratórias, a redefinição dos terrenos cinegéticos e das áreas de proteção, bem como a desburocratização e a revisão dos preços a pagar com taxas e licenciamentos.

Para terminar, qual é a sua visão para o futuro da caça em Portugal e o papel que a FEDERCAÇA quer desempenhar nesse caminho?

A atividade cinegética atravessa uma fase de transformação e adaptação aos tempos modernos e tem de começar a trilhar novos caminhos que lhe permitam garantir o seu próprio futuro. Não só a FEDERCAÇA, mas também todas as organizações do setor, têm que ser parte ativa da mudança de paradigma e na prossecução dos seus próprios fins.



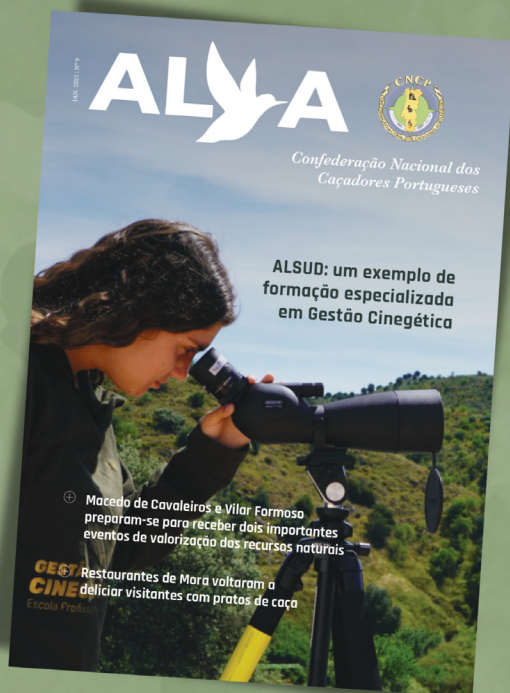
Órgãos Sociais



ALVA



A Revista da Confederação Nacional dos
Caçadores Portugueses



Siga-nos nas redes sociais [Facebook](#) e [Instagram](#).

Consulte todas as edições [aqui](#).

Subscreva a Newsletter [aqui](#) e receba a ALVA em primeira mão.



Alerta sanitário em Espanha: confirmados casos de Peste Suína Africana em javalis

A DGAV – Direção-Geral de Alimentação e Veterinária divulgou, recentemente, a confirmação, por parte dos Serviços Veterinários Oficiais de Espanha, de dois casos de Peste Suína Africana (PSA) em javalis selvagens, detetados em Bellaterra, nas imediações do campus da Universidade Autónoma de Barcelona.

Perante esta situação, foram de imediato ativadas medidas de emergência, que incluem a delimitação da zona infetada, a eliminação de cadáveres, a proibição da caça na área afetada e o reforço das medidas de biossegurança, com o objetivo de impedir a propagação da doença.

A Peste Suína Africana é uma doença viral altamente

contagiosa, que não representa qualquer risco para a saúde humana, mas que causa elevada mortalidade em suínos domésticos e javalis. Não existindo vacina nem tratamento eficaz, a sua introdução num território tem graves consequências económicas, sanitárias e cinegéticas, afetando diretamente a produção suinícola, o comércio e a gestão das populações de javali.

A DGAV apela ao acompanhamento atento da evolução da situação por parte dos caçadores e entidades do setor, sublinhando a importância do cumprimento rigoroso de todas as normativas sanitárias

em vigor, de forma a prevenir a entrada da doença em território nacional.

- Em caso de suspeita, a notificação deve ser feita através da plataforma [SPC – Sistema de Participação de Suspeitas](#).
- Se for encontrado algum javali morto, a ocorrência deve ser comunicada através da aplicação [ANIMAS](#).
- Mais informação sobre a doença está disponível nos [folhetos informativos da DGAV](#).

Medidas essenciais de prevenção da PSA

A DGAV chama a atenção para a necessidade do cumprimento rigoroso das seguintes medidas de prevenção:

- Cumprir integralmente todas as normas de biossegurança nas explorações pecuárias, centros de agrupamento e restantes locais de alojamento de suínos.
- Assegurar a correta limpeza e desinfeção dos veículos, sobretudo após deslocações a zonas de risco.
- Adotar boas práticas de caça, respeitando escrupulosamente as medidas de biossegurança, em especial nas deslocações ao estrangeiro.
- Proceder à eliminação adequada dos subprodutos de origem animal, em conformidade com a legislação em vigor.
- Recordar que é expressamente proibida a alimentação de suínos com lavaduras, restos de cozinha ou de mesa.
- Evitar deixar restos de alimentos acessíveis a javalis, reduzindo o risco de transmissão da doença.

Federação Alentejana de Caçadores lança Secção de Jovens Caçadores

A Federação Alentejana de Caçadores (FAC) deu um passo significativo na renovação e continuidade da atividade venatória com a criação da Secção Jovens Caçadores, uma medida que havia sido aprovada logo na primeira reunião da atual Direção. Após um período de preparação e estruturação, pensado com o rigor necessário para garantir bases sólidas e duradouras, esta iniciativa é agora oficialmente apresentada.

A FAC destaca que o futuro da caça passa inevitavelmente pelas novas gerações, reconhecendo nos jovens a capacidade de pensar, defender e dar continuidade à atividade com responsabilidade e visão estratégica. A nova Secção pretende, assim, promover a integração de jovens no movimento associativo, incentivar a formação e criar condições para que estes possam participar de forma ativa no desenvolvimento do setor.

A Secção Jovens Caçadores da FAC integra elementos provenientes de vários pontos do Alentejo:

- António Colaço
- João Paulino
- José Silva e Sousa
- Miguel Mendes
- Pedro Ferro
- Pedro Serra
- Rúben Mateus
- Tiago Silva

Com esta iniciativa, a Federação reforça a aposta na juventude e na preparação do futuro da caça em Portugal.





Nuno Ferro
Presidente da Federação Alentejana de Caçadores

Nuno Ferro, presidente da Federação Alentejana de Caçadores, dá-nos mais pormenores sobre esta iniciativa.

O que motivou a Federação Alentejana de Caçadores (FAC) a avançar com a criação da Secção Jovens Caçadores e que objetivos estratégicos pretende alcançar com esta iniciativa?

A criação da Secção Jovens Caçadores foi, desde sempre, um objetivo da atual Direção da Federação Alentejana de Caçadores e foi uma das várias medidas aprovadas na primeira reunião de Direção, após a tomada de posse. O facto de apenas recentemente se ter materializado, teve que ver com questões de planeamento e de sustentabilidade da própria secção, com vista a permitir aos jovens que a integram, o desenvolvimento adequado daquilo que venham a ser as atividades que decidam promover.

A motivação principal para a criação desta Secção teve que ver com o facto da necessidade premente de renovação do setor e de conseguir obter a necessária atratividade para que mais jovens se tornem caçadores.

Ora, nada melhor para obter sucesso nesses intentos, que ter jovens a dirigir-se a outros jovens e a servir de exemplo e motivação para outros.

De que forma a FAC pretende envolver os jovens na atividade cinegética e assegurar que esta nova secção tenha um papel ativo na construção do futuro da caça no Alentejo?

Os jovens integrantes desta recém criada Secção são todos eles caçadores, alentejanos oriundos de diversas regiões e com uma ampla diversidade de gostos ao nível da prática cinegética.

Queremos e esperamos que estes jovens possam funcionar como elo de ligação entre a Federação Alentejana de Caçadores e aquilo que são os princípios éticos e de associativismo que defende relativamente à atividade cinegética e os jovens caçadores ou aspirantes a caçador.

Contamos também com estes jovens, para trazerem até à Direção as suas opiniões

e sugestões, com vista a uma melhor adaptação das posições, políticas e atividades a desenvolver pela Federação Alentejana de Caçadores, no que diz respeito a uma visão de futuro para a caça.

Como espera que esta secção contribua para a valorização da caça e para a promoção de práticas alinhadas com os desafios atuais do setor?

O futuro da caça está diretamente relacionado com a capacidade de mobilização e consciencialização dos jovens para a atividade.

Nesse sentido, é importantíssimo ter jovens integrados nas estruturas representativas do setor, como é o caso da Federação Alentejana de Caçadores, para que estes possam ser auscultados e dar a sua opinião naquilo que são as diversas valências federativas.

O setor necessita renovação e rostos de juventude nas suas fileiras organizacionais, porque o futuro aos jovens pertence.

Estudo mostra que caça e tiro desportivo geram 180 mil milhões de euros por ano na Europa

Um estudo recente, apresentado em setembro de 2025 pela Universidade de Urbino “Carlo Bo”, veio revelar a verdadeira dimensão económica da caça e do tiro desportivo no contexto europeu.

Segundo as conclusões agora conhecidas, estas atividades e os setores a elas associados geram anualmente cerca de 180 mil milhões de euros, valor que corresponde a quase um por cento do PIB conjunto dos trinta países analisados, entre os quais se incluem todos os Estados-Membros da União Europeia, a Noruega, a Suíça e o Reino Unido.

O relatório, promovido em parceria com a Federação Europeia para a Caça e Conservação (FACE), mostra que a cadeia de valor associada à caça e ao tiro desportivo emprega mais de um milhão de pessoas em toda a Europa. Estes números abrangem não apenas caçadores e praticantes de tiro, mas também toda a rede de empresas e serviços que dão suporte ao setor: desde a indústria de armamento civil e munições até à hotelaria, restauração, turismo rural, transporte e manutenção de equipamentos.

De acordo com o documento, os gastos diretos dos caçadores e atiradores europeus, sem contar com a aquisição de armas e munições, ascendem a mais de 96 mil milhões de euros anuais. A estes somam-se os efeitos indiretos e induzidos sobre a economia, desde as transações que ocorrem em resultado das atividades geradas, aos serviços locais contratados, emprego sazonal e receitas fiscais associadas.

O estudo demonstra que a caça e o tiro desportivo

não são apenas práticas culturais ou recreativas, mas componentes estruturais de muitas economias rurais. Em várias regiões, sobretudo do interior, representam um complemento vital à agricultura e ao turismo, contribuindo para a fixação de população e para a sustentabilidade de pequenos negócios que dependem da época venatória.

Portugal, com a sua longa tradição cinegética e a existência de milhares de

zonas de caça, insere-se plenamente nesta realidade. A atividade gera movimento em cadeias de valor que vão muito além das jornadas no campo: oficinas de manutenção de armas, produtores de munições e cartuchos, fabricantes de vestuário técnico, criadores de cães de caça, alojamentos e restaurantes de gastronomia regional, todos beneficiam direta ou indiretamente deste fluxo económico.

Os resultados apresentados pela Universidade de Urbino e pela FACE constituem também um contributo importante para o debate sobre o papel contemporâneo da caça. Ao quantificar o seu peso económico, o estudo recorda que a gestão sustentável dos recursos naturais, das populações animais e dos territórios rurais está intimamente ligada a atividades humanas que têm valor económico e social, e não apenas ecológico.

Num tempo em que o mundo rural enfrenta desafios crescentes, desde a desertificação à perda de rendimento agrícola, a caça e o tiro desportivo representam instrumentos de equilíbrio e dinamização. A economia que os rodeia envolve milhares de pessoas que vivem, direta ou indiretamente, da ligação entre o campo, a conservação e a cultura.

A caça e o tiro desportivo continuam a ser muito mais

do que passatempos de nicho: são setores de importância estratégica, capazes de gerar riqueza, emprego e coesão territorial.

Cabe agora aos decisores políticos e às entidades do setor continuar a trabalhar no sentido de garantir que esta força económica se mantenha sustentável e integrada no futuro do mundo rural europeu.

“Mais de um milhão de pessoas em toda a Europa vivem direta ou indiretamente da caça e do tiro desportivo”

180 mil milhões de euros

Valor total anual gerado na economia europeia

1,1 milhões

Empregos diretos e indiretos

96 mil milhões de euros

Gastos diretos de caçadores e atiradores

30

Número de países europeus analisados (União Europeia, Noruega, Suíça e Reino Unido)

Portugal tem uma participação histórica nas competições de maior relevo da modalidade de cães de parar

Jorge Piçarra

Igualar seria muito difícil, superar, quase impossível. Foram vinte dias de verdadeira aventura, nos quais demos o nosso melhor e colhemos grandes resultados. Vencemos todas as competições em que participámos: algumas com títulos individuais e outras com títulos de equipa (Taça do Mediterrâneo, Campeonato do Mundo e Campeonato do Mundo AICEB).

Partimos de Portugal com o coração cheio de esperança e muitas dúvidas. Agora, no regresso, trazemos certezas: quando se trabalha com paixão, por um propósito comum, os resultados positivos surgem.

A preparação para estas competições teve início em junho. O primeiro passo era conseguir ter um conjunto de cães que cumprissem os critérios de seleção. Com as provas de seleção a terem início em meados de setembro, era importante estarmos seguros do ponto de vista dos aspetos técnicos, sem esquecer a importância de ter a equipa no pico de forma para as competições internacionais em outubro.

As competições nacionais correram bem e o desempenho dos exemplares foi bastante convincente. Conseguimos várias menções de valorização máxima (CACIT).



Após a conclusão do processo de seleção, era hora de partir rumo ao leste da Europa. Polónia e República Chéquia eram os países dos campeonatos do mundo.

A primeira competição tinha sede na Polónia. A taça do Mediterrâneo contava com a participação de 11 seleções que representam as suas nações. Os terrenos de prova eram de cultura variada e orografia plana. Os faisões e as perdizes cinzentas selvagens são as espécies cinegéticas que podiam pontuar as prestações dos cães. A densidade de corços e lebres era muito elevada,

o que era um fator difícil de contornar.

Swing da Beira Tejo vence a prova depois de conseguir um percurso de grande mérito no segundo dia com a atribuição de CACIT. Após esta nota, fica em situação de empate com um exemplar da seleção polaca.

Na disputa do título por barrage final entre Portugal e Polónia, Portugal vence através da atuação de Swing da Beira Tejo. Tínhamos vencido o primeiro Campeonato.

A segunda competição internacional era o Campeonato do Mundo de Raças Continentais. O local da competição era o mesmo e as condições de concurso idênticas às da Taça do Mediterrâneo. Agora, no mesmo cenário, estavam 14 nações em prova. A nossa perdigueira portuguesa, Sexta-feira das Águas Mornas, tem uma atuação que se destacou pela regularidade e segurança.

Duas vitórias nos dois dias de prova na sua série, com a nota de excelente, deram a Portugal a vitória no Campeonato do Mundo de Raças Continentais, situação inédita pois um Perdigueiro Português venceu pela primeira vez um campeonato do Mundo.

Ao título da Taça do Mediterrâneo, conquistado por um cão da raça, Epagneul Breton, também este criado em Portugal, juntamos o de Campeão do Mundo individual através da atuação do perdigueiro português.

Estávamos muito orgulhosos com os resultados e a moral estava em bom nível, para enfrentar o último desafio.

A República Chéquia era a próxima meta para disputar o Campeonato do Mundo do Epagneul Breton. O cenário competitivo é agora diferente: as culturas variadas da Polónia davam lugar a grandes áreas de pousio de pasto alto. A densidade das espécies pontuáveis era menor do que nas competições da Polónia, no entanto o número de corços e lebres era superior.



Tínhamos como objectivo revalidar o título de Campeão do Mundo por equipas que conseguimos em 2024 na Croácia. A Seleção Portuguesa do Clube Português do Epagneul Breton conseguiu três classificações, duas de nota de excelente e uma de bom.

Revalidamos, assim, o título e partimos de regresso a Portugal com o coração cheio de alegria.



Exemplares em destaque dentro das Seleções Nacionais, Taça do Mediterrâneo e Campeonato do Mundo
Sexta-feira das Águas Mornas e Swing da Beira Tejo.

Condutores
Correia da Silva e Jorge Piçarra.

Seleção do Clube Português do Epagneul Breton
Terça-feira da Missilva e Nat des Plaines Dauxeenes.

Condutores
Correia da Silva e Jorge Piçarra

Canil Beira-Tejo
Líder no ensino e preparação de cães de caça e competição.
+351 919 288 790

www.canilbeiratejo.com



XVI Feira da Perdiz trouxe muitas atividades a Alcoutim

No fim de semana de 15 e 16 de novembro, a localidade de Martim Longo, concelho de Alcoutim, voltou a afirmar-se como um dos grandes palcos da tradição serrana com mais uma edição da Feira da Perdiz. Ao longo do fim de semana, o certame vincou o seu papel enquanto espaço de encontro entre ruralidade, gastronomia e cultura cinegética, reunindo centenas de visitantes vindos de vários pontos da região e do país.

Este ano, o evento ficou marcado pelas condições climáticas adversas registadas no dia 15, que obrigaram ao cancelamento de algumas atividades ao

ar livre, nomeadamente demonstrações e iniciativas previstas no exterior. Ainda assim, grande parte da programação foi mantida, e o público respondeu de forma positiva, garantindo uma afluência contínua ao recinto.

Entre os momentos que enriqueceram esta edição, contou-se também a Montaria da Oliveirinha, integrada na Feira da Perdiz e organizada pela Federação de Caçadores do Algarve, que contribuiu para reforçar a componente cinegética do evento e para envolver a comunidade venatória na iniciativa (ver peça).



A feira voltou a destacar-se pela diversidade das propostas apresentadas. A gastronomia ocupou lugar central, com a já emblemática cataplana de perdiz com cogumelos e castanhas e com a demonstração culinária 'Criatividade Gastronómica Algarve-Andaluzia', que voltou a surpreender pela fusão de sabores. Os concursos, exposições, mostras de produtos locais e o tradicional magusto popular animaram a tarde, enquanto espetáculos com Jorge Guerreiro e D'Abalada trouxeram música que aquecia o ambiente serrano.

Apesar de algumas limitações impostas pelo tempo, o público manteve-se fiel a um evento que continua a celebrar o património cinegético, o convívio e o espírito comunitário do interior algarvio. A Feira da Perdiz mostrou, uma vez mais, que é uma homenagem viva às tradições que unem gerações e que mantêm viva a ligação entre o homem, a terra e a natureza.

A organização esteve a cargo da Câmara Municipal de Alcoutim, com o apoio de diversas entidades regionais e locais, entre as quais a Associação Inter-Vivos, a Federação de Caçadores do Algarve, o ICNF, a Associação de Caçadores Cerro dos Cabeços, Lutão, e a Junta de Freguesia de Martim Longo.

Entrevista ao presidente da Câmara Municipal de Alcoutim, Paulo Paulino



Que balanço faz desta edição da XVI Feira da Perdiz em Martim Longo? Quais destacaria como os principais êxitos e que aspetos considera passíveis de melhoria?

A XVI Feira da Perdiz contou com uma programação rica e diversificada. O evento conseguiu manter a sua tradição de ser um ponto de encontro para os amantes da caça e da natureza, ao mesmo tempo que se abriu a um público mais vasto, interessado nas tradições locais e no turismo de natureza. Entre os êxitos mais visíveis, destacaria a participação ativa dos expositores e o envolvimento da comunidade local, que deram um toque autêntico ao evento. No entanto, há sempre espaço para

melhorias, como, por exemplo, uma maior diversificação das atividades durante os dias do evento, que poderiam atrair ainda mais visitantes e proporcionar uma experiência mais rica para os participantes.

Como avalia a adesão do público e dos expositores nesta edição? Os números corresponderam às expectativas da organização?

A adesão, tanto do público quanto dos expositores, foi satisfatória. Contudo, importa salientar que a chuva e vento fortes que se fizeram sentir, sobretudo no sábado, causaram alguns constrangimentos a este nível. O número de expositores tem-se mantido, até porque o espaço não comporta mais. No que concerne à tipologia de expositores, verifica-se alguma dificuldade em atrair expositores relacionados com armas de caça. Com todas estas limitações, os números superaram as expectativas da organização, o que é um bom indicador de que este é um evento que continua a ser relevante para a região.

Em que medida a feira contribui para afirmar Alcoutim como território de referência na caça, no turismo de natureza e na valorização das tradições locais?

A Feira da Perdiz é um evento fundamental para posicionar Martim Longo e Alcoutim como referências no turismo

de natureza e na preservação das tradições relacionadas com a caça. Através da promoção de atividades como largadas de perdizes, montaria, exposição de cães de caça maior, exposições de produtos regionais e apresentações culturais, o evento não só atrai caçadores e entusiastas da natureza, mas também contribui para a valorização do património cultural da região. Além disso, reforça a imagem de Alcoutim como um destino sustentável e autêntico, alinhado com as tendências atuais do turismo rural e ecoturismo.

Que impacto económico e social este evento tem gerado no concelho, nomeadamente para o comércio, restauração e alojamento local?

O impacto económico da Feira da Perdiz no concelho de Alcoutim é evidente. O número de visitantes resulta diretamente em mais movimento para o comércio local, para a restauração e para os serviços de alojamento. Restaurantes, hotéis e casas de turismo rural beneficiam com a procura adicional, especialmente nos dias do evento. A feira também gera um fluxo significativo de turistas que, ao visitarem Martim Longo, acabam por conhecer outras partes do concelho, contribuindo para a promoção de Alcoutim como um destino turístico completo. Socialmente, o evento promove o convívio entre os residentes e os visitantes,

criando um ambiente de integração e partilha de saberes, além de reforçar o sentimento de identidade e orgulho local.

Esta edição trouxe novidades em termos de programação. Que iniciativas destacaria como mais significativas?

As novidades na programação foram um dos pontos altos desta edição. Destacaria a inclusão de mais atividades interativas, como workshops de culinária e de preparação de pratos típicos da região, que trouxeram uma dimensão gastronómica à feira. Este tipo de iniciativas reflete uma crescente preocupação com o futuro, de forma a contribuir para que a feira, cada vez mais, consiga atrair novos públicos.

Olhando para o futuro, quais são os principais desafios e metas para as próximas edições da Feira da Perdiz?

Para as próximas edições, o principal desafio será conseguir equilibrar a tradição da feira com a modernização necessária para continuar a atrair novos públicos, especialmente jovens e turistas. Além disso, será crucial diversificar ainda mais a oferta de atividades, para que o evento possa cativar um leque maior de interesses, como a gastronomia, a cultura local e a sustentabilidade. A meta deverá ser também reforçar as parcerias com outras entidades do setor, tanto a nível regional quanto

nacional, para garantir que a Feira da Perdiz continue a crescer e a afirmar-se como um evento de referência no calendário do turismo e da caça.

Qual o papel que atribui aos clubes de caça, associações e à Federação de Caçadores do Algarve no sucesso e desenvolvimento da feira e do setor cinegético na região?

Os clubes de caça, as associações e a Federação de Caçadores do Algarve desempenham um papel crucial no sucesso da Feira da Perdiz. Não só são responsáveis pela organização de atividades ligadas à caça, como também ajudam a promover a importância da prática responsável e sustentável da caça. A sua colaboração garante a autenticidade do evento e o seu alinhamento com as necessidades e os desafios do setor cinegético. Além disso, as parcerias com estas entidades ajudam a garantir uma maior participação e visibilidade, permitindo à Feira da Perdiz consolidar-se como um evento de qualidade, que também educa o público sobre a importância da

conservação e da gestão da fauna selvagem.

Que mensagem gostaria de transmitir aos caçadores, visitantes, produtores e comunidade local que participaram nesta edição?

Gostaria de agradecer a todos os que participaram nesta edição da Feira da Perdiz pelo seu contributo para o sucesso do evento. Aos caçadores, agradeço pelo seu compromisso com a preservação das tradições e pela prática responsável da caça. Aos visitantes, a nossa esperança é que tenham levado de Martim Longo não só boas memórias, mas também o desejo de voltar, seja pelo seu interesse na caça ou pela beleza natural da região. Aos produtores locais, o meu reconhecimento pela qualidade dos produtos que trazem à feira, que fazem parte da alma desta terra. E, por último, à comunidade local, agradeço pela hospitalidade e pelo esforço contínuo para tornar este evento um verdadeiro reflexo do espírito do concelho de Alcoutim. Continuemos a trabalhar juntos para manter a Feira da Perdiz como um marco de celebração da nossa cultura, tradições e natureza.

Montaria da Oliveirinha: uma jornada cinegética bem-sucedida em Alcoutim



A Montaria da Oliveirinha, organizada pela Federação de Caçadores do Algarve, realizou-se no dia 16 de novembro, no âmbito do programa da XVI Feira da Perdiz, que decorreu em Martim Longo, no concelho de Alcoutim. Inserida num dos mais reconhecidos eventos dedicados à caça e ao mundo rural no sul do país, a montaria voltou a reunir caçadores, aficionados e pessoas da comunidade local.



A jornada teve início, no Restaurante Monte Branco, onde os participantes se concentraram e desfrutaram do habitual pequeno-almoço serrano, momento de encontro e preparação antes do início da ação no terreno.

Seguiu-se a montaria na Zona de Caça Municipal da Oliveirinha, que decorreu com normalidade e contou com

a colaboração de diversos intervenientes, garantindo condições adequadas de segurança e organização.

A Federação de Caçadores do Algarve agradece a todos os participantes, colaboradores e entidades envolvidas, cujo empenho foi essencial para o sucesso da Montaria da Oliveirinha.



XVI Feira da Caça de Mértola dinamizou setor no Alentejo

Durante três dias, Mértola respirou caça, natureza e tradição.

De 24 a 26 de outubro, o Pavilhão Multiusos Expo Mértola acolheu a 16.ª edição da Feira da Caça, um evento que já é uma marca incontornável no calendário nacional da atividade cinegética.

Mais de uma centena de expositores, vindos de todo o país, deram corpo a uma mostra diversificada onde se cruzaram produtos regionais, equipamentos de caça, gastronomia, turismo de natureza e inovação. As ruas encheram-se de visitantes, caçadores e curiosos, num ambiente de convívio que só Mértola sabe oferecer.

Vítor Palmilha, presidente Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses; e Nuno Ferro, presidente da Federação Alentejana de Caçadores, foram alguns dos dirigentes que marcaram presença no certame que contou com um stand destas duas instituições. No espaço partilhado pelas duas entidades, muitos visitantes aproveitaram para esclarecer dúvidas, conhecer projetos em curso e trocar ideias sobre o futuro da atividade.

Entre as várias iniciativas do programa, destaque para as demonstrações cinegéticas, as provas de cães de parar, os concursos e as degustações de pratos de caça, que voltaram a ser momentos altos da feira. Também as conversas informais entre caçadores, técnicos e representantes associativos serviram para reforçar laços e projetar o trabalho comum em defesa da atividade.





Entrevista ao presidente da Câmara Municipal de Mértola, Mário Tomé

Que balanço faz desta XVI Feira da Caça de Mértola? Quais destacaria como os principais êxitos e que aspetos considera passíveis de melhoria?

Faço um balanço francamente positivo. Esta XVI Feira da Caça voltou a mostrar o que Mértola tem de mais autêntico: a capacidade de unir o território em torno da sua identidade, das suas tradições e da relação profunda que mantemos com a natureza. Foi uma edição extremamente participada, com grande qualidade organizativa e um ambiente que soube conciliar o espírito de quem ama a caça e o convívio familiar. A programação foi intensa, bem estruturada e diversificada, com momentos de reflexão, debate, gastronomia e de celebração. Naturalmente há sempre aspetos a melhorar, sobretudo no que diz respeito à mobilidade e à ampliação dos espaços de exposição e de espetáculos, mas o sentimento que fica é de orgulho coletivo. Mértola

voltou a afirmar-se como um território com alma, onde a caça é muito mais do que uma atividade: é uma expressão cultural, uma forma de viver e de respeitar o equilíbrio do nosso ecossistema.

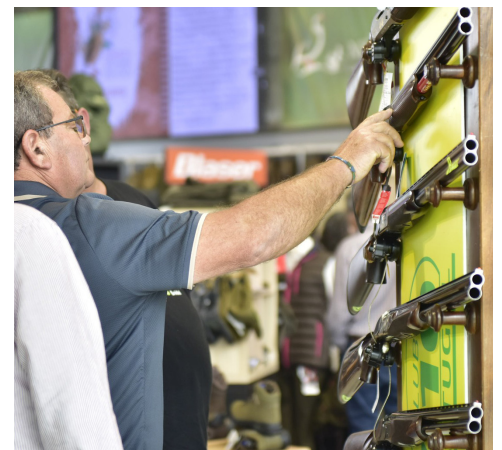
Como avalia a adesão do público e dos expositores nesta edição? Os números corresponderam às expectativas da organização?

A adesão foi extraordinária. Durante três dias, tivemos milhares de visitantes quase duas centenas de expositores, vindos de várias regiões do país e também de Espanha. Foi visível a diversidade de públicos, desde caçadores e técnicos, a famílias e visitantes, o que confirma que a feira se consolidou como um evento plural e atrativo. Os expositores demonstraram grande satisfação, com muitos já a manifestarem vontade de regressar em 2026. Isso é sinal de confiança na organização, mas sobretudo de reconhecimento do valor

que Mértola acrescenta ao setor cinegético e à economia local. Este é um evento que projeta o nome de Mértola, mas também o de todo o Alentejo.

Em que medida a feira contribui para afirmar Mértola como território de referência na caça, no turismo de natureza e na valorização das tradições locais?

A Feira da Caça é, talvez, o mais fiel reflexo da identidade intrínseca a Mértola. Um território moldado pela natureza e pela relação entre o homem e a paisagem. A caça faz parte da nossa matriz cultural, representa saberes antigos, partilha, respeito pelo ciclo natural e um modo de estar que atravessa gerações. Este evento é mais do que uma feira: é um ponto de encontro entre quem vive o campo e quem o visita, entre o mundo rural e o turismo, entre o passado e o futuro. É também uma montra da forma como Mértola soube transformar o seu património natural num fator de desenvolvimento, valorizando o turismo de natureza, a gastronomia e os produtos locais, sempre com um profundo respeito pela sustentabilidade e pela autenticidade do território.





Que impacto económico e social este evento tem gerado no concelho, nomeadamente no comércio, restauração e alojamento local?

O impacto é visível e imediato. Durante a feira, o concelho enche-se de vida: os alojamentos estão praticamente esgotados, os restaurantes trabalham a um ritmo intenso e o comércio local sente o movimento como em poucos outros momentos do ano. Mas há também um impacto mais duradouro, que é o da afirmação da marca Mértola como destino turístico e cultural. Quem nos visita nesta altura regressa depois para descobrir a vila e o seu património, para caçar, as rotas de natureza e a hospitalidade das nossas gentes. Além disso, a feira tem um efeito social profundo: mobiliza a comunidade, envolve associações, juntas de freguesia, caçadores, produtores e voluntários. É um momento de pertença e

de orgulho, em que Mértola se mostra ao país e ao mundo.

Esta edição trouxe novidades em termos de programação, organização ou sustentabilidade. Que iniciativas destacaria como mais significativas?

Foi uma edição marcada pela consolidação e pelo aperfeiçoamento. Mantivemos as demonstrações técnicas, as provas cinegéticas e o espaço de exposição, mas reforçámos a componente cultural e gastronómica.

Houve uma clara aposta na valorização da carne de caça, nos showcookings com chefs convidados, na animação musical e nas atividades pedagógicas ligadas à fauna e à conservação. Procurámos também tornar a feira mais sustentável, com uma gestão mais eficiente dos recursos e uma comunicação mais acessível. A Feira da Caça é cada vez mais um evento completo: técnico, formativo, turístico e cultural. E é isso que queremos continuar a aprofundar.

Olhando para o futuro, quais são os principais desafios e metas da Câmara Municipal para as próximas edições da Feira da Caça de Mértola?

O grande desafio é continuar a evoluir sem perder a sua essência. A Feira da Caça tem de manter-se fiel àquilo que a distingue: a ligação entre a natureza, a cultura e as pessoas. Queremos reforçar a sua dimensão técnica, trazendo novas temáticas, novas parcerias e mais inovação, mas sempre com os pés assentes na terra. A nossa meta é torná-la cada vez mais sustentável, mais acessível, mais internacional e mais representativa do que é Mértola, um território que respeita a natureza, valoriza as suas tradições e acredita que o desenvolvimento pode e deve nascer do equilíbrio entre o homem e o meio. Essa é a nossa matriz, e é ela que queremos continuar a honrar em cada edição da Feira da Caça.





Constância celebrou os sabores da serra no 6.º Festival do Javali

Entre os dias 8 e 16 de novembro, o concelho de Constância voltou a realizar o Festival do Javali, envolvendo seis restaurantes locais e atraindo visitantes de toda a região do Médio Tejo.

Durante nove dias, os restaurantes Central Park, Dewal Divina, D. José Pinhão, Kais 66, Leopoldina Tavernas e Pezinhos no Rio apresentaram ementas criativas com carne de javali, desde os clássicos estufados e feijoadas até propostas mais inovadoras como raviolis de javali com ervas aromáticas da região ou bochechas confitadas em vinho tinto do Tejo. Em todos, o denominador comum foi o mesmo: a valorização do produto local e da cozinha tradicional portuguesa.

A iniciativa, promovida pela Câmara Municipal de Constância em parceria com os restaurantes aderentes, teve como objetivo dinamizar a economia local e promover o turismo gastronómico durante o outono, um período habitualmente considerado de menor afluência turística.

Segundo os organizadores, esta edição destacou-se pela diversidade e qualidade das propostas apresentadas, bem

como pelo envolvimento crescente da comunidade e dos visitantes. Muitos dos pratos foram criados especialmente para o festival, valorizando o javali proveniente das zonas serranas e de montado do centro do país, carne apreciada pelo seu sabor intenso e textura firme.



Já na sua sexta edição, o Festival do Javali consolidou-se assim como uma das principais iniciativas gastronómicas do Médio Tejo, celebrando a autenticidade da cozinha portuguesa e o papel dos restaurantes locais na valorização do território.

Entre o rio e o montado, Constância voltou a mostrar que sabe receber à mesa, com sabor e tradição.

Portel dinamizou 24.ª edição da Feira do Montado

O concelho de Portel voltou a organizar, entre 27 de novembro e 1 de dezembro, a Feira do Montado, um evento promovido pela Câmara Municipal de Portel que mais uma vez se destacou pela sua relevância económica, ambiental, cultural e científica, a nível nacional e internacional.

Ao longo dos cinco dias, milhares de visitantes passaram pelo recinto da feira, onde puderam contactar com o melhor do artesanato, dos produtos regionais - com especial destaque para a cortiça -, das empresas agroflorestais, do comércio local e da restauração.

A edição deste ano contou com um programa cultural diversificado, com

concertos de artistas da música nacional, noites temáticas, desfiles de moda, animação infantil, atividades desportivas, cante alentejano e música popular.

Paralelamente, realizaram-se colóquios e conferências dedicados à sustentabilidade, valorização florestal e inovação científica, com a apresentação de diversos projetos ligados ao montado, reforçando a componente

técnica e científica do certame.

Durante o evento, os visitantes tiveram ainda a oportunidade de degustar a gastronomia regional, conhecer o artesanato local e usufruir de um ambiente de convívio que valorizou as tradições e a identidade rural do Alentejo. A Federação Alentejana de Caçadores marcou presença na feira com um stand institucional.





Vila Viçosa organizou Semana da Caça com várias atividades

O Município de Vila Viçosa, distrito de Évora, em colaboração com a Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses, a Federação Alentejana de Caçadores e o Clube de Caça e Pesca de Bencatel, promoveu, entre 1 e 7 de dezembro, a Semana da Caça, que incluiu um Festival Gastronómico, uma Montaria e uma Prova de Santo Huberto.

Enraizada na história e na identidade cultural de Vila Viçosa, a caça representa muito mais do que uma prática tradicional: é parte integrante do património natural, social e gastronómico da região. Assim, esta iniciativa pretendeu valorizar essa herança, unindo-a aos sabores autênticos da gastronomia local, num programa que conjugou natureza, tradição e cultura.



A Semana da Caça incluiu as seguintes atividades

Montaria ao Javali: uma experiência típica do mundo cinegético, vivida em plena harmonia com o ambiente rural da região.

Prova de São Huberto: competição dedicada aos praticantes da modalidade, onde se realçaram a destreza, a ética e a relação entre caçador e cão.

Festival Gastronómico: os principais restaurantes do concelho, apresentaram iguarias típicas da época, à base de caça.



Entrevista ao Presidente da Câmara Municipal de Vila Viçosa, Inácio Esperança

Fale-nos um pouco da Semana de Caça que animou Vila Viçosa em dezembro.

A caça é uma tradição ancestral em Vila Viçosa. Com a presença dos Duques de Bragança e a construção da Tapada Real, muitas famílias reais europeias e dignatários estrangeiros caçaram por estas terras. Ainda hoje, a atividade cinegética, no nosso município, para além de ser um ativo cultural, é uma atividade económica com interesse. Exemplo disso é o elevado número de associações de caçadores e Zonas de Caça existentes no concelho, pelo que a sua promoção faz todo o sentido.

Acresce a tudo isto o facto de na nossa candidatura a Património Mundial a atividade cinegética e a paisagem a ela ligada (Tapada Real) terem um papel muito importante.

Qual é a importância deste evento para o município e para a promoção da gastronomia local?

A combinação de caça com a gastronomia é, quanto a nós, uma excelente forma de promover o nosso território.

A gastronomia alentejana é, como todos sabem, rica em pratos de caça e a local não se fica atrás. A abundância de caça por estas terras foi impulsionadora da criação de muitos pratos de caça que vão desde o arroz de pato, à perdiz com lombardo ou de escabeche, etc.

Quem nos visitou durante a Semana da Caça pôde desfrutar de uma experiência única que aliou a caça à gastronomia, desde a perdiz, ao pombo, à lebre, ao coelho, ao javali e ao veado. Foram estrelas de uma experiência única que aliou a nossa história à tradição.

“ A caça é uma tradição ancestral em Vila Viçosa. Com a presença dos Duques de Bragança e a construção da Tapada Real, muitas famílias reais europeias e dignatários estrangeiros caçaram por estas terras. Ainda hoje a atividade cinegética, no nosso município, para além de ser um ativo cultural, é uma atividade económica com interesse(...)”

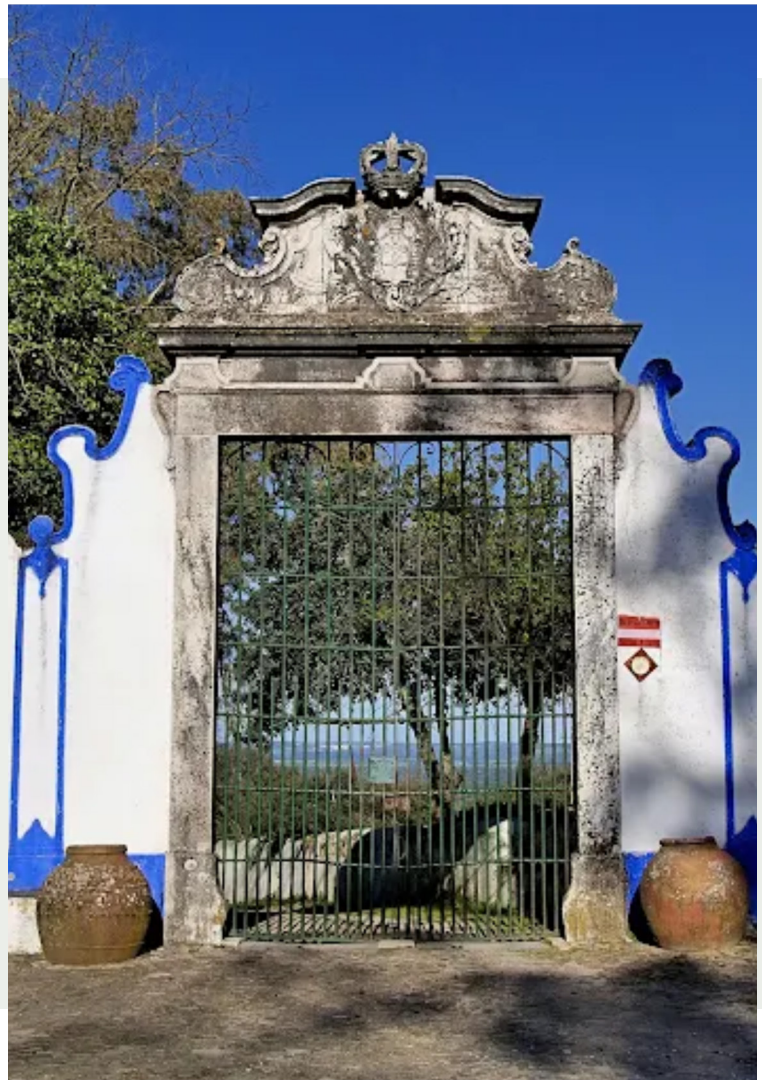
*Inácio Esperança
Presidente da Câmara
Municipal de Vila Viçosa*



De que forma a Câmara Municipal vê a caça como um setor que pode contribuir para a dinamização económica local?

A caça é um elemento diferenciador relativamente a outras regiões do país, quer como atividade cultural, quer como atividade económica. Tem impacto relevante ao nível da hotelaria, da restauração e do mundo rural.

É um nicho de mercado que tem um enorme potencial no nosso concelho, aliado ao turismo rural e de natureza. Basta recordar o enorme peso que tem a Tapada de Mafra no turismo daquela região como paisagem cultural cinegética e o peso que podem vir a ter as estadias e refeições aliadas a caçadas que devemos promover e incentivar nas nossas Zonas de Caça associativas, municipais e turísticas.



Os tordos de inverno: entre o céu, o olival e a tradição



Tordo-comum
Turdus philomelos

Com a chegada de novembro e o som característico do primeiro voo rasante sobre os olivais, dá-se início a uma das épocas mais aguardadas pelos caçadores portugueses: a temporada dos tordos.

Entre 1 de novembro de 2024 e 20 de fevereiro de 2025, é permitido o exercício de caça ao tordo-zornal (*Turdus pilaris*), tordo-comum (*Turdus philomelos*), tordo-ruivo (*Turdus iliacus*) e tordeia (*Turdus viscivorus*), com um limite máximo de 40 abates por dia e por caçador.

Trata-se de uma prática profundamente enraizada na cultura rural e cinegética portuguesa, que coincide com o período em que estas aves migradoras e invernantes procuram abrigo e alimento no nosso território.

As quatro espécies em causa têm em comum a ligação com a migração ou presença invernante em Portugal e, por isso, são alvo de aproveitamento cinegético sobretudo na época de outono-inverno.

Por exemplo, o tordo-zornal chega entre novembro e fevereiro, em maior número em anos de invernos rigorosos no Norte da Europa. O tordo-comum, sendo mais flexível, pode ter populações invernantes e também migratórias.

O tordo-ruivo, apesar de relativamente comum, tem mostrado variações na abundância e preocupação de que a sua maior pressão

cinegética possa dificultar a monitorização. A tordeia, sendo de maior porte, também integra os conjuntos de tordos caçados.

Os tordos são, talvez, o símbolo maior do inverno cinegético português. Entre o frio da manhã, o som do voo rápido e a paciência da espera junto ao olival, perpetua-se uma tradição que une gerações de caçadores.



Tordo-zornal
Turdus pilaris



Tordo-ruivo
Turdus iliacus



Tordeia
Turdus viscivorus

Espécie

Habitat

Tordo-comum
Turdus philomelos

O mais abundante dos quatro, é uma presença habitual em quase todo o país. Nidifica no norte e centro, mas durante o inverno distribui-se amplamente, preferindo olivais, montados e sebes com bagas. O seu canto melódico é conhecido e serve de prenúncio da chegada do frio.

Tordo-zornal
Turdus pilaris

Visitante invernante vindo das florestas boreais, o tordo-zornal distingue-se facilmente pela cabeça cinzenta e peito mosqueado. Costuma aparecer em bandos e pode ser mais abundante em anos de invernos rigorosos no norte da Europa.

Tordo-ruivo
Turdus iliacus

Mais pequeno e discreto, apresenta uma faixa clara sobre o olho e manchas avermelhadas nas asas. É uma espécie essencialmente migradora, com chegada variável de outubro a dezembro. A sua abundância depende muito das condições climáticas do norte da Europa.

Tordeia
Turdus viscivorus

A maior das quatro espécies, mais robusta e de voo vigoroso. Em Portugal é parcialmente sedentária, frequentando zonas florestais, montados e soutos. Aprecia áreas com azinheiras e carvalhos, onde encontra visco e bagas, a origem do seu nome científico.

Onde caçar tordos em Portugal

Alto Alentejo: Portalegre e Avis

Terras de montado e olival velho, o Alto Alentejo é o coração da caça ao tordo. Portalegre, Alter do Chão, Avis e Monforte acolhem cada ano caçadores vindos de todo o país e de Espanha. Os olivais tradicionais e as sebes com bagas fornecem alimento e abrigo, tornando-se pontos privilegiados para o tordo-comum e o tordo-ruivo.

Beira Baixa: Castelo Branco e Idanha-a-Velha

Com mosaicos de matos, sobreirais e

olivais, esta região é rica em tordos durante o inverno. As Zonas de Caça Turísticas da Beira Baixa, especialmente entre Castelo Branco e Idanha, oferecem bons resultados, com concentração de bandos em manhãs frias e húmidas.

Baixo e Médio Alentejo: Alcácer do Sal, Grândola, Alvito

Os extensos olivais e searas da planície alentejana são um dos melhores cenários para a caça de espera ao tordo. Alcácer do Sal, em particular, é referência nacional

pela consistência da presença de bandos de tordo-comum e tordo-zornal nas primeiras semanas de janeiro.

Interior Norte: Trás-os-Montes e Serra da Estrela

Em anos de fortes invernos no norte europeu, o tordo-ruivo e o tordo-zornal descem até ao interior norte português, onde encontram refúgio nas veigas de Chaves, Sabugal e Penhas Douradas. O relevo e o frio tornam a caça mais exigente, mas também mais autêntica.





Marvão recebe mais uma Quinzena Gastronómica da Caça

Açorda de perdiz, feijoada de javali, wellington de veado e gamo ao alinho são apenas alguns dos mais de trinta pratos nas ementas dos restaurantes do concelho de Marvão que, de 14 a 29 de dezembro, recebem a Quinzena Gastronómica da Caça.

Com nove restaurantes aderentes, o evento pretende valorizar a tradição cinegética da região e os sabores autênticos das diferentes espécies de caça presentes no concelho de Marvão, como o javali, perdiz, pombo, veado, faisão e lebre.

Durante duas semanas, a inovação une-se à tradição, com receitas que colocam estas carnes como as estrelas principais de assados e estufados típicos, mas também de recriações

surpreendentes, como fígado de faisão com chocolate e Vinho do Porto, magret de codornizes com arroz de cogumelos e castanhas, ou pombo torcaz desossado recheado com alheira e cogumelos, entre tantos outros sabores que prometem encantar os apreciadores deste tipo de culinária.

A celebrar a sua 14.ª edição, a Quinzena Gastronómica da Caça, promovida pelo Município de Marvão, já habituou os seus visitantes aos pratos aconchegantes que aquecem a alma de quem procura explorar este concelho do Alto Alentejo, na época mais fria do ano.



Próximo destino: Óbidos, a vila das rainhas



Dezembro é o mês em que Óbidos se cobre de magia. As luzes, o som dos sinos e o aroma a chocolate quente transformam esta vila muralhada num dos destinos mais procurados de Portugal durante a quadra natalícia. A Vila Natal atrai milhares de visitantes, mas Óbidos é muito mais do que o seu cenário festivo. É um lugar onde a história se sente em cada pedra e o tempo parece andar devagar. Da sua zona envolvente, rica em biodiversidade, destacamos a lagoa que é um tesouro ecológico nacional.

A história de Óbidos é tão antiga quanto fascinante. Os primeiros vestígios humanos remontam à Idade do Ferro, mas foi sob domínio romano que se consolidou o núcleo habitacional conhecido como Eburobrittium, situado nas imediações da atual vila.

Escavações arqueológicas revelaram ruínas de termas, muralhas e estradas romanas, testemunhos de uma ocupação estruturada e próspera.



Durante o período visigótico e muçulmano, a vila manteve importância estratégica, sendo conquistada por D. Afonso Henriques em 1148, após a tomada de Santarém e Lisboa.

A partir daí, Óbidos passou a integrar a coroa portuguesa, mantendo um papel central no sistema defensivo do reino.

Uma das curiosidades mais singulares da história de Óbidos surge em 1210, quando o rei D. Afonso II a ofereceu como dote à rainha D. Urraca. Esta tradição perpetuou-se ao longo dos séculos, tornando a vila conhecida como “a vila das rainhas”. D. Isabel, D. Leonor e D. Catarina de Áustria foram algumas das monarcas que a habitaram ou embelezaram, deixando marcas no património e na memória local.

Durante o reinado de D. Dinis e D. Isabel de Aragão, o castelo foi reforçado e a vila ganhou o traçado medieval que hoje admiramos.

Já no século XVI, D. Leonor, esposa de D. João II, mandou construir o Santuário do Senhor Jesus da Pedra e incentivou obras de caridade e arte sacra.

Mais tarde, Óbidos desempenhou também um papel relevante nas Guerras da Restauração e nas Invasões Francesas.

Outra curiosidade: foi aqui que, em 1808, as tropas portuguesas e inglesas enfrentaram os franceses na Batalha da Roliça, um dos episódios decisivos da primeira invasão napoleónica.



Roteiro

Óbidos é um autêntico museu a céu aberto. Dentro das muralhas, encontramos ruas estreitas, casas caiadas e varandas floridas, mas também pequenas histórias que o tempo preservou.



- **Porta da Vila**

A entrada principal exibe o oratório dedicado a Nossa Senhora da Piedade, padroeira de Óbidos. O interior é revestido de azulejos azuis e brancos do século XVIII.

- **Igreja de Santa Maria**

No seu interior está o túmulo de João de Noronha e Lianor de Brito, além de magníficos painéis de azulejo. Foi aqui que, em 1441, D. Afonso V casou com D. Isabel, ambos com apenas 10 anos.





• Castelo de Óbidos

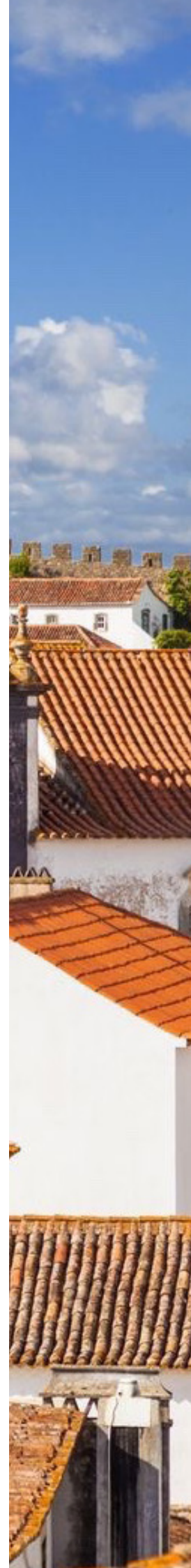
De origem medieval, foi eleito uma das Sete Maravilhas de Portugal. Hoje, alberga uma das pousadas históricas mais emblemáticas do país.

• Josefa de Óbidos

Artista barroca nascida em Sevilha mas criada na vila, foi uma das primeiras mulheres a afirmar-se na pintura europeia, e as suas obras ainda se encontram em igrejas locais e museus.

• Lenda da Ginjinha

Diz-se que o licor típico nasceu das experiências caseiras de monges locais que deixavam a ginja (cerisa) macerar em aguardente. Hoje, é impossível sair de Óbidos sem provar a bebida servida num copinho de chocolate.



Embora o Natal seja o auge do calendário turístico, Óbidos vive intensamente todo o ano. Eis alguns dos eventos que não deve perder.

Vila Natal

Durante dezembro, a vila transforma-se num cenário mágico. O evento Óbidos Vila Natal inclui pistas de gelo, espetáculos temáticos, carrosséis e o tradicional mercado de artesanato e iguarias locais. É uma festa para famílias, mas também um reencontro com as tradições portuguesas da quadra.



Festival do Chocolate

Na primavera, o Festival Internacional de Chocolate faz as delícias dos visitantes, com esculturas e concursos dedicados ao doce mais apreciado do mundo.



Feira Medieval e FOLIO

No verão, a Feira Medieval revive a Idade Média com trajes, torneios e encenações. No outono, o FOLIO — Festival Literário Internacional de Óbidos afirma a vila como uma verdadeira Cidade Criativa da Literatura (UNESCO), reunindo escritores, editores e leitores em cafés e igrejas convertidas em livrarias.





A cultura de Óbidos está impregnada em cada esquina: o toque do ferro forjado nas varandas, a cerâmica e o bordado, a doçaria conventual que ainda hoje se prepara com receitas antigas. A tradição gastronómica é marcada por produtos locais: peixes da lagoa, caça e enchidos, pão e azeite da região Oeste. As pequenas tascas e tabernas oferecem pratos como perdiz estufada, arroz de cabidela ou feijoada de javali, preservando os sabores do campo.

Onde comer



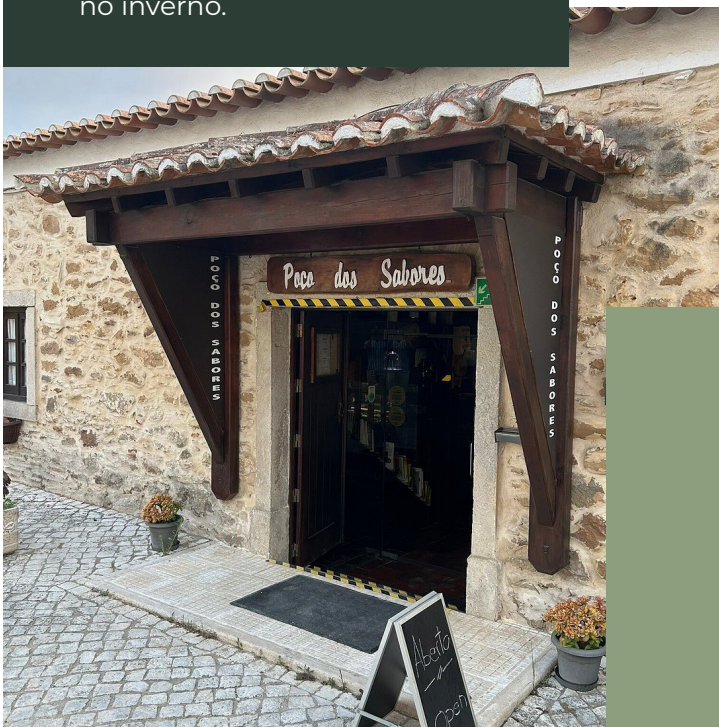
Restaurante 1148 O Conquistador

Localização: Dentro das muralhas.

Cozinha tradicional portuguesa com um toque contemporâneo: Bacalhau à moda antiga, carne de porco à alentejana e arroz de polvo são algumas das especialidades.

O nome, 1148, homenageia o ano da reconquista de Óbidos por D. Afonso Henriques.

Ambiente: Decoração rústica, pedra e madeira, lareira acesa no inverno.



Poço dos Sabores (Usseira)

Localização: Aldeia de Usseira, a 5 km de Óbidos.

Pratos regionais com produtos locais: Polvo à lagareiro, feijoada de javali e sobremesas caseiras.

Ambiente familiar, serviço atento e autêntico.

Onde dormir

Pousada Castelo de Óbidos

Património histórico transformado em pousada. Quartos com mobiliário medieval e vista para a vila. Experiência única de dormir dentro das muralhas.



Hotel Real d'Óbidos

Hotel de 4 estrelas com decoração inspirada na época medieval. Possui piscina exterior e uma vista privilegiada sobre o vale.

Recebe hóspedes com trajes históricos durante eventos medievais, uma experiência divertida e imersiva.



A Lagoa de Óbidos é o maior sistema lagunar costeiro de Portugal e um ecossistema de elevada relevância ambiental. A sua riqueza biológica faz dela um refúgio para centenas de espécies de aves migratórias e peixes, entre eles o robalo, a enguia e a tainha. Ao redor, sapais e dunas funcionam como filtros naturais que protegem o equilíbrio ecológico.

A lagoa é também um local de recreio e contemplação: passeios de barco, pesca lúdica e observação de aves são atividades permitidas, desde que respeitadas as normas de conservação. Os amantes da natureza podem percorrer os trilhos pedonais que ligam Óbidos à Foz do Arelho, observando uma paisagem que muda com as marés e as estações.

Óbidos é mais do que uma vila histórica: é um ponto de encontro entre a tradição e a modernidade, entre a cultura e a natureza. Seja na quietude das suas muralhas ou nas águas serenas da lagoa, Óbidos continua a encantar e a conquistar-nos em cada recanto.

Feliz Natal e boas caçadas!



Boas Festas

A Confederação Nacional dos Caçadores
Portugueses deseja-lhe um Santo Natal e um
Próspero Ano Novo

